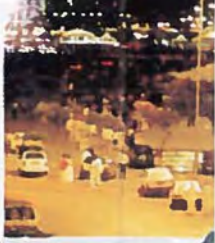


CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA  
**IMPRESSO**

**DF**  
**LETRAS**  
**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**  
ANO VI Nº 70/74  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**Brasília**

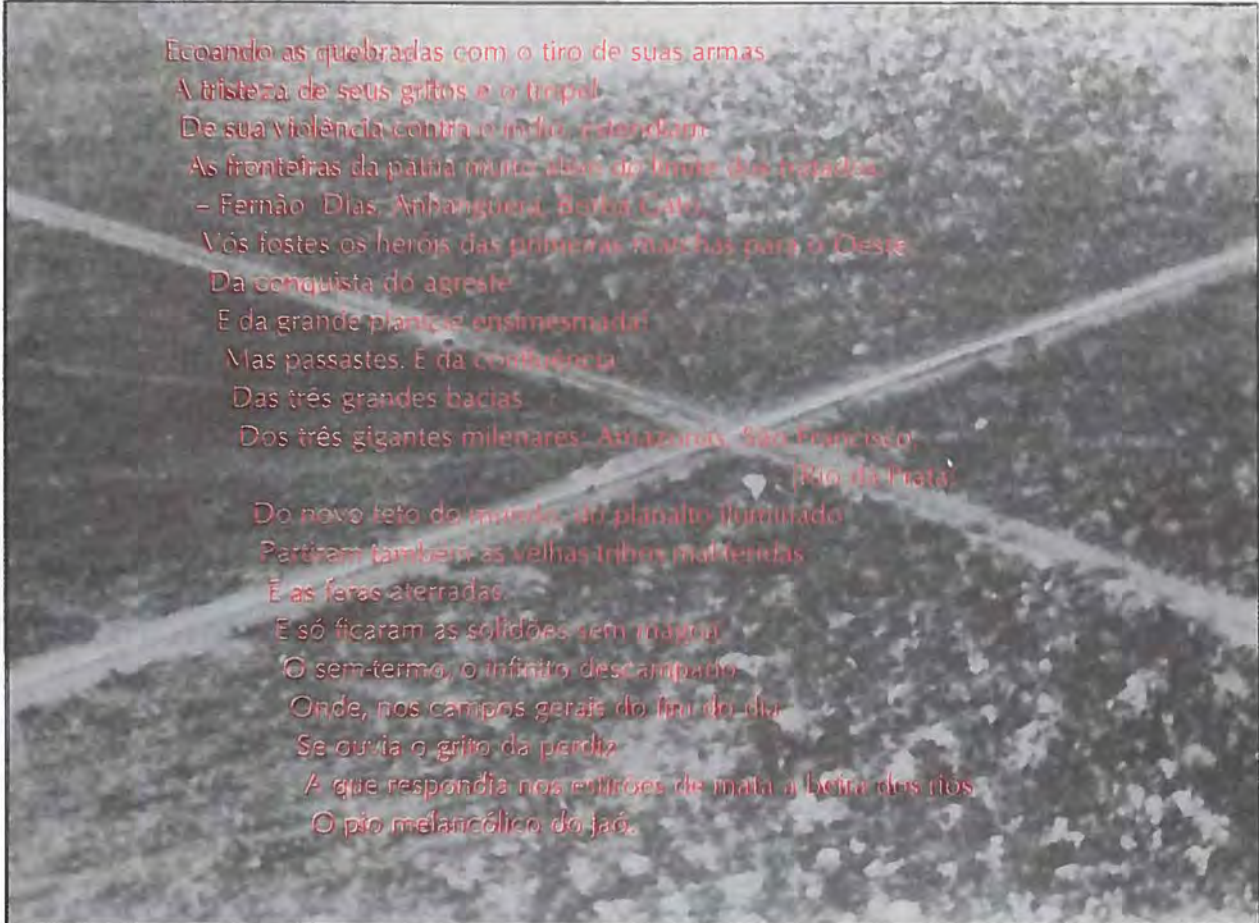




# I – O planalto deserto

□ VINÍCIUS DE MORAES

No princípio era o ermo...  
 Eram antigas solidões sem mágoa,  
 O altiplano, o infinito descampado...  
 No princípio era o agreste:  
 O céu azul, a terra vermelho-pungente  
 E o verde triste do cerrado.  
 Eram antigas solidões banhadas  
 De mansos rios inocentes  
 Por entre as matas recortadas.  
 Não havia ninguém. A solidão  
 Mais parecia um povo inexistente  
 Dizendo coisas sobre nada.  
 Sim, os campos sem alma  
 Pareciam falar, e a voz que vinha  
 Das grandes extensões, dos fundões crepusculares,  
 Nem parecia mais ouvir os passos  
 Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros  
 Que, em busca de ouro e diamantes,



Ecoando as quebra-das com o tiro de suas armas  
 A tristeza de seus gritos e o trespal  
 De sua violência contra o índio, e o trespal  
 As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados  
 – Fernão Dias, Anhangüera, Bertha Cato,  
 Vós fostes os heróis das primeiras matilhas para o Oeste  
 Da conquista do agreste  
 E da grande planície ensimesmada!  
 Mas passastes. E da confiança  
 Das três grandes bacias  
 Dos três gigantes milenares: Amazônios, São Francisco,  
 (Rio da Prata)  
 Do novo teto do mundo, do planalto iluminado  
 Partiram também as velhas tribos mal feridas  
 E as feras aterradas.  
 E só ficaram as solidões sem mágoa  
 O sem-termo, o infinito descampado  
 Onde, nos campos gerais do fim do dia  
 Se ouvia o grito da perdiz  
 A que respondia nos entalões de mata a beira dos rios  
 O pio melancólico do jacó.

E vinha a noite. Nas campinas celestes  
Rebrilha, am mais próximo as estrelas  
E o Cruzeiro do Sul resplandecente  
Parecia destinado

A ser plantado em terra brasileira:

A Grande Cruz açada

Sobre a noturna mata do cerrado  
Para abençoar o novo bandeirante

O desbravador ousado

O ser de conquista

O Homem!

## II – O homem

Sim, era o Homem,

Era finalmente, e definitivamente, o Homem.

Viera para ficar. Tinha nos olhos

A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões

E os horizontes, desbravar e criar, fundar

E erguer, suas mãos

Já não traziam outras armas

Que as do trabalho em paz. Sim,

Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto

A antiga determinação dos bandeirantes,

Mas já não eram o ouro e o diamante o objeto

De sua cobiça. Olhou tranqüilo o sol

Crepuscular, a iluminar em sua fuga para a noite

Os soturnos monstros e teras do poente.

Depois mirou as estrelas, a luzirem

Na imensa abobada suspensa

Pelas invisíveis colunas da treva.

Sim, era o Homem...

Vinha de longe, através de muitas solidões,

Lenta, pensosamente. Sotria ainda da penúria

Dos caminhos, da dolência dos desertos,

Do cansaço das matas enredadas

A se entredexorarem na luta subterrânea

De suas raízes gigantescas e no abraço uníssono

De seus ramos. Mas agora

Viera para ficar. Seus pés plantaram-se

Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar

Descortinou-se às grandes extensões sem mágoa

No círculo infinito do horizonte. Seu peito

Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria

No deserto uma cidade muito branca e muito pura...

